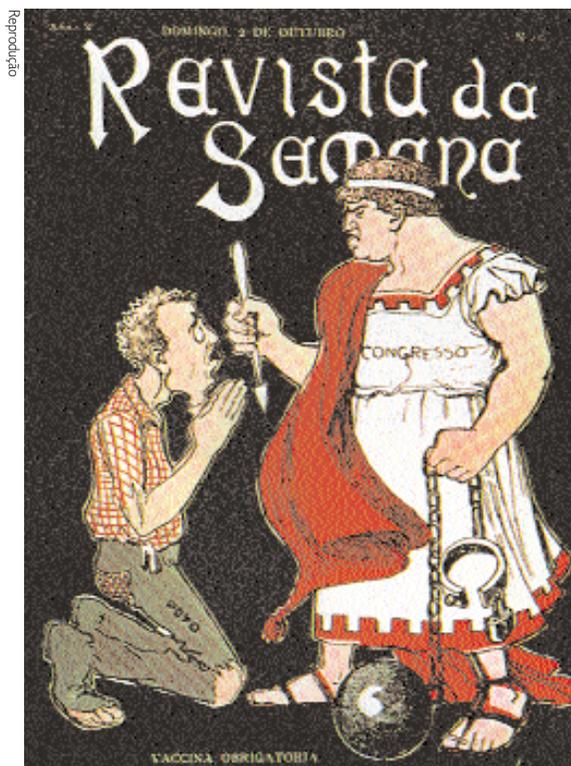


## História

# UMA REVOLTA POPULAR CONTRA A VACINAÇÃO

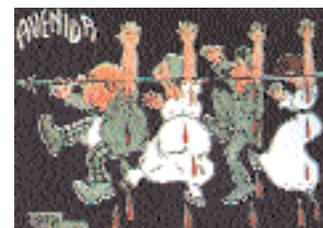
No início do século XX, o Rio de Janeiro já era lindo, mas a falta de saneamento básico e as péssimas condições de higiene faziam da cidade um foco de epidemias, principalmente febre amarela, varíola e peste. Estas pragas tropicais deram à capital do país o triste apelido de “túmulo de estrangeiros”. Com medidas impopulares e polêmicas, Oswaldo Cruz, além de ter sido o responsável pela estruturação da saúde pública no Brasil, foi quem saneou o Rio, apesar da oposição da mídia e da manifestação popular, que ficou conhecida como “Revolta da Vacina”.

A população da cidade revoltou-se contra o plano de saneamento, mas, sobretudo, com a remodelação urbana feita pelo presidente Rodrigues Alves (1902-1906), que decidiu modernizar a cidade e tomar medidas drásticas para combater as epidemias. Cortiços e casebres, que compunham inúmeros quarteirões dos bairros centrais, foram demolidos, e deram lugar a grandes avenidas e ao alargamento das ruas, seguindo o modelo de urbanização dos grandes bulevares parisienses. A população local foi desalojada, refugiando-se em barracos nos morros cariocas ou em bairros distantes na periferia. As favelas começaram a se expandir. Nesse cenário, há exatos cem anos, Oswaldo Cruz assumia a Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP), cargo que, na época, equivalia ao de ministro da



Saúde. Enquanto o prefeito Pereira Passos realizava o “Bota Abaixo”, como ficou conhecida a reforma da cidade, Oswaldo Cruz transformou o Rio em um gigantesco laboratório de combate às doenças, implantando métodos revolucionários. Em 1904, a cidade foi assolada por uma epidemia de varíola. Oswaldo Cruz mandou ao Congresso uma lei que reiterava a obrigatoriedade da vacinação, já instituída em 1837, mas que nunca tinha sido cumprida. Ciente da resistência da opinião pública, montou uma campanha em moldes militares. Dividiu a cidade em distritos, criou uma polícia sanitária com poder para desinfetar casas, caçar ratos e matar mosquitos. Com a imposição da vacinação obrigatória, as brigadas sanitárias entravam nas casas e vacinavam as pessoas à força. Isso causou uma repulsa pela maneira como foi feita. A maioria da população ainda desconhecia e temia os efeitos

Caricaturas e cartazes manifestavam o sentimento da população contra a campanha de Oswaldo Cruz



que a injeção de líquidos desconhecidos poderia causar no corpo das pessoas. Setores de oposição ao governo gritaram contra as medidas autoritárias. Quase toda a imprensa ficou contra Oswaldo Cruz, ridicularizando seus atos com charges e artigos.

A indignação levou ao motim popular, que explodiu em 11 de novembro de 1904, conhecido como a “Revolta da Vacina”. Carroças e bondes foram tomados e incendiados, lojas saqueadas, postes de iluminação destruídos e apedrejados. Pelotões dispararam contra a multidão. Durante uma semana, as ruas do Rio viveram uma guerra civil. Segundo a polícia, o saldo negativo foi de 23 mortos e 67 feridos, tendo sido presas 945 pessoas, das quais quase a metade foi deportada para o Acre, onde foi submetida a trabalhos forçados.

Para o historiador Sérgio Lamarão, da Universidade Federal Fluminense,

“conduzida de forma arbitrária, sem os necessários esclarecimentos à população, a campanha da vacina obrigatória canalizou um crescente descontentamento popular. Deve ser entendida como uma conseqüência do processo de modernização excludente concentrado, no tempo e no espaço – desencadeado pela reforma do prefeito Passos – e não, como foi considerada pelas autoridades, como uma reação explosiva da massa ignorante ao progresso e às inovações”.

Duas produções recentes abordam esse episódio. Uma delas é o filme *Sonhos tropicais*, longa-metragem de estréia do diretor paulista André Sturm ambientado no Rio de Janeiro do início do século XX. A saúde pública vem à tona na trama do filme, mostrando a precariedade de condições da cidade. Sua narrativa é baseada na obra homônima do escritor gaúcho Moacyr Scliar, que trata da biografia de Oswaldo Cruz, situando a ação do primeiro ministro da Saúde moderno do Brasil e contextualizando o momento histórico para a medicina.

O cd-rom *Circuito Mauá: Saúde, Gamboa e Santo Cristo*, dirigido por Eliane Costa, recebeu o Prix Möbius América Latina e foi finalista no Prix Möbius International des Multimédias, um dos maiores eventos multimídia do mundo, realizado na Cité des Sciences, em Paris. O cd-rom faz um passeio pela região portuária carioca, no contexto da história da cidade, e contém mais de 250 fotografias, 18 clips de vídeo, mapas, músicas e entrevistas. Traz também uma coleção de ilustrações e caricaturas encontradas em jornais do início do século XX, além de textos escritos por pesquisadores e especialistas convidados.

Mayla Yara Porto



Uma das espécies catalogadas por Wallace

## Livro

# GRAVURAS DE PEIXES DA AMAZÔNIA

Quando se fala em Alfred Russel Wallace, naturalista inglês que viveu no século XIX, geralmente se pensa na contribuição para a teoria da evolução das espécies de Charles Darwin. Pouco se conhece de Wallace como o ótimo desenhista que foi. Esse resgate foi feito pela pesquisadora Mônica de Toledo-Piza Ragazzo em sua obra *Peixes do Rio Negro-Alfred Russel Wallace*, reunindo as belas gravuras e anotações da expedição à Amazônia, entre 1850-1852, quando o naturalista registrou 212 peixes de quase 180 espécies da região dos rios Negro e Uaupés.

O livro é fruto de uma colaboração, entre o Museu de Zoologia da USP e o Museu de História Natural de Londres, onde estão os originais de Wallace. Mônica soube da existência do material em 1995 ao fazer o levantamento bibliográfico para sua tese de doutorado.

Um artigo mencionava parte das espécies registradas por Wallace na região

amazônica, sendo que dois nomes chamaram a atenção da pesquisadora por fazerem parte do grupo de peixes que estudava, e que suspeitava serem de uma nova espécie. Em visita ao museu inglês, teve acesso às ilustrações e ficou impressionada com a qualidade e os detalhes, que facilitaram a identificação e a confirmação de que, de fato,

uma das gravuras trazia o registro de uma espécie nova. Quatro anos mais tarde, Mônica a descreveu e a batizou de *Hydrolycus wallacei*.

O livro traz ricas informações sobre os peixes e seus locais de coleta. Mônica explica que Wallace realizou, ainda, medidas de latitude e longitude com um sextante, uma bússola e um relógio, dados usados para montar um mapa preciso e detalhado dos rios Negro e Uaupés. As espécies de peixes registradas pelo naturalista ainda existem na região amazônica, que muito se alterou nesses 150 anos. “Porém, muitos dos locais por onde ele passou, principalmente o alto rio Negro e alto rio Uaupés, ainda são relativamente pouco alterados”, acrescenta. Além das gravuras, Wallace colecionou espécimes de peixes, aves, insetos e plantas que seriam vendidos na Inglaterra para financiar sua expedição. Mas um incêndio na embarcação que o levava de volta para casa destruiu todo material biológico acumulado por dois anos. As gravuras foram salvas e documentam esse período. “Com os desenhos, de valor histórico inestimável, podemos ter hoje uma idéia da diversidade de peixes observados por ele durante os anos de 1850-1852 em que estive nos rios Negro e Uaupés”, conclui a pesquisadora.